



INTERCÂMBIO

## Dom João Irineu Joffily e o enraizamento da romanização na Diocese de Manaus (1916-1924)

### *Dom João Irineu Joffily and the establishment of Romanization at the Diocese of Manaus (1916-1924)*

*Elisângela Maciel Soares\**

**Resumo:** A Diocese de Manaus já nasceu romanizada, em 1892. Seus primeiros bispos enfrentaram inúmeros desafios para consolidá-la e atender às diretrizes da Santa Sé. Seis bispos a conduziram durante seus 60 anos. O presente artigo apresenta seu terceiro bispo: Dom João Irineu Joffily, que conduziu a Diocese de 1916 a 1924. Paraibano, de família influente, foi preparado para compor o quadro do Episcopado brasileiro e teve sua trajetória ligada à educação, antes de ser nomeado para a Diocese de Manaus. Para rastreá-lo, segui os passos de Sérgio Miceli, na configuração da elite eclesiástica, durante a Primeira República brasileira. Nos oito anos de sua administração, buscou reequilibrar as finanças e consolidar o projeto romanizador no Bispado, enfrentando a crise econômica da borracha na região amazônica, num contexto de guerra e tensões políticas. Destacou-se pelo zelo com a educação, a criação de novas Prelazias na Amazônia.

**Palavras-chave:** Dom Joffily. Diocese de Manaus. Romanização. Episcopado brasileiro. Elite eclesiástica.

**Abstract:** The Diocese of Manaus was born Romanized in 1892. Its first bishops faced numerous challenges to consolidate it and to meet the guidelines of the Holy See. Six bishops led it during its 60 years. This article presents its third bishop: Dom João Irineu Joffily, who led the Diocese from 1916 to 1924. From the state of Paraíba, from an influential family, he was prepared to compose the picture of the Brazilian Episcopate. He had his career linked to education before being appointed to the Diocese of Manaus. We followed Sergio Miceli's footsteps in the configuration of the ecclesiastical elite during the First Brazilian Republic to trace it. In the eight years of his administration, he sought to rebalance finances and consolidate the romanization project in the Bishopric, facing the economic crisis of rubber in the Amazon region in a context of war and political tensions. He stood out for his zeal for education, for the creation of new prelates in the Amazon.

**Keywords:** Dom Joffily. Diocese of Manaus. Romanization. Brazilian Episcopate. Ecclesiastical elite.

## Introdução

O terceiro Bispo nomeado para o Amazonas está inserido no projeto do Episcopado brasileiro, que enraíza a romanização, utilizando estratégias de articulação com as elites locais e estabelecendo estreitos laços entre si. Esta análise é feita a partir da perspectiva de Michel de Certeau, para quem as estratégias condicionam a estrutura de dominação (2008), buscando verificar o Episcopado em suas ações de controle e o enquadramento no modelo de sociedade cristã estabelecida por Roma. A separação entre Igreja e Estado, no final do século XIX, impulsionou a unidade dos bispos, bem expressa nas pastorais

---

\* Doutoranda em História Social (UFPA, Belém-PA). ORCID: 0000-0001-8905-2111 – contato: [macielelis7@gmail.com](mailto:macielelis7@gmail.com)

coletivas, tendo como premissa a defesa da Igreja e sua expansão pelo território brasileiro. Alguns prelados conseguiram estabelecer verdadeiras redes de influência, investindo e amadurecendo os seminários, apadrinhando novos prelados, conectando dioceses.

Seguirei, também, a perspectiva de Sérgio Miceli, que apresenta as estratégias de implantação e consolidação das elites eclesiais. E, embora parte das obras utilizadas sejam datadas de 2014 para trás, elas são de grande contribuição para a discussão em questão, e, ainda optei, como suporte, pela utilização de um conjunto maior de fontes primárias, pertencentes ao acervo da Cúria Metropolitana de Manaus (atas, decretos, cartas e jornais), que me auxiliaram na proximidade do período da administração de Dom João Irineu Joffily. Com o cruzamento dessas fontes, e com as obras que me serviram de suporte, cheguei ao prévio resultado apresentado ao longo deste texto<sup>1</sup>.

Segundo Miceli, os prelados da República Velha podem ser distribuídos em três grupos principais. O primeiro grupo saiu da base das antigas famílias da aristocracia imperial, portadoras de lastro material, prestígio social e cacife político. O segundo grupo provinha de ramos declinantes e empobrecidos do patriarcado rural, que viam, na carreira eclesial, um refúgio. O terceiro grupo era oriundo de famílias com pequenas propriedades rurais, normalmente com prole numerosa, portadoras de piedade e rigor religioso (Miceli, 2009). Tudo indica que Dom Joffily fazia parte do primeiro grupo.

Filho do antigo norte do Brasil, e oriundo dessas novas relações do Episcopado no país, governou o Amazonas em período de crise, quando este enfrentava a retração da economia gomífera, o que o colocou diante de inúmeras dificuldades para levar adiante os projetos eclesiais, ao mesmo tempo em que o mundo vivenciava o terror da Guerra Mundial, no Brasil ocorriam as tensões da Primeira República. Seu governo teve a duração de oito anos.

Dos seis Bispos dirigentes da Diocese de Manaus, quatro são oriundos do antigo norte: Dom José Lourenço, do Ceará; Dom João Irineu, da Paraíba; Dom Frei Basílio, da Bahia; e Dom João da Mata, de Pernambuco. E, dois deles, oriundos do Pará: Dom Frederico Costa e Dom Alberto Ramos. Portanto, a Diocese esteve, desde o começo, e mesmo antes de sua fundação, na administração do baiano Dom Antônio de Macedo Costa, conectada às pegadas da Igreja nordestina.

O norte, em suas duas vertentes, a antiga e a nova, despontou como o segundo lugar de maior crescimento das estruturas eclesiais. De 1892 a 1930, passou ao número de 22 dioceses, sendo, nesse contexto, acrescidas 17 novas, dentre elas, a de Manaus. Mas, em termos de produção de prelados, o Nordeste/Norte tornou-se o primeiro, durante esse mesmo recorte histórico, com 38 prelados, que perfazem 48% da totalidade<sup>2</sup>. Desses 38, apenas um nasceu no Pará, Dom Frederico Costa, que foi o segundo Bispo de Manaus, por isto, compreendo o Nordeste como celeiro de romanização, termo cunhado em minha tese, com o objetivo de mostrar a trajetória e a

---

1 A presente pesquisa se insere em minha tese de doutorado, em curso, que trata da transição da Diocese para a Arquidiocese “da Igreja de Manaus” abarcando a administração de quatro Bispos, com recorte temporal de 1916 a 1957.

2 Dados foram extraídos dos quadros de Sérgio Miceli (2009, p. 61-62.79). Na presente análise, somei-os aos dados do desmembramento na Bahia, que o referido autor descreve separadamente.

bagagem de influência dos Bispos que foram nomeados para Manaus e a conexão das regiões, que foram desmembradas dando maior visibilidade aos traços sociais e culturais de cada uma.

Mesmo que o Nordeste tenha sido uma invenção, construída a partir das especificidades regionais, da década de 1920 em diante (Albuquerque Junior, 2018), compreendo que os Bispos são portadores das heranças regionais e das ações políticas ali estabelecidas, entre poderes religioso e civil, e que tais aspectos estarão presentes na condução da Diocese de Manaus, que, por sua vez, exigirá que estes se relacionem com os traços regionais locais. Considerando a expansão da estrutura eclesial como a principal estratégia do Episcopado brasileiro, temos a primeira expressão desse projeto de concessão de Leão XIII para a Igreja do Brasil, criando as primeiras novas Dioceses, antes de terminar o século XIX, e, entre elas está Manaus.

A romanização visa a sintonia com a Santa Sé, estabelecendo um modelo padronizador, especialmente a partir do Papado de Pio IX (1846-1878), pautado nas diretrizes do Concílio de Trento (1545-1563). Para Riolando Azzi, a romanização abarca o período de 1840 a 1961, passando por três fases, a reforma católica (1840-1889), a reorganização católica (1890-1921) e a restauração católica (1922-1961). Segui essa periodização e verifiquei que Dom Joffily está inserido da segunda para a terceira fase, quando a Igreja passa a caminhar de forma mais independente, fortalecendo a hierarquia, o clericalismo e a prática sacramental, com a padronização de ritos e dogmas. Nesse contexto “a Igreja passa da atitude defensiva para uma nova atitude de conquista espiritual” (Azzi, 1994, p. 23). Queremos visualizar as ações deste Prelado na esteira do processo romanizador, mas, buscando compreender as especificidades desse projeto na Diocese erigida em Manaus, com as estratégias que procuraram responder à realidade brasileira e local (Moura; Cabral, 2020).

## A Paraíba de Dom Joffily

O rápido crescimento do número de Dioceses do Norte do Brasil se justifica pela necessidade de formar um cinturão de proteção e, ao mesmo tempo, uma frente de avanço e retomada de áreas consideradas contaminadas por desvios no catolicismo, especialmente, oriundos dos movimentos de Canudos e Juazeiro. Os bispos nordestinos, nomeados para o Amazonas, estão inseridos no projeto do Episcopado brasileiro que enraíza a romanização utilizando estratégias de articulação com as elites locais, as quais, fortalecem e estreitam os laços entre si, funcionando como uma grande rede de conexões que ao mesmo tempo era difusora das diretrizes da Santa Sé.

A Paraíba de Dom João Irineu Joffily foi elevada à condição de diocese no mesmo ano que Manaus, 27 de abril de 1892, pela bula *Ad Universas Orbis Ecclesia*, de Leão XIII. Dom Aduino Aurélio de Miranda Henriques foi nomeado seu primeiro Bispo, ele que tornou-se um dos grandes influenciadores e formadores de novos prelados, aspecto favorecido durante o longo tempo de seu Episcopado, de 1894 a 1935. A Diocese de Natal, criada em 1909, foi desmembrada da Paraíba, e ambas tornaram-se sufragâneas da Arquidiocese de Olinda e Recife, em 1910. Em 1914, foi surgida a Diocese de

Cajazeiras, pela bula *Maius Catholicae Religionis Incrementum*, do Papa Pio X, e pela mesma bula a Diocese da Paraíba, foi elevada à condição de Arquidiocese, e o próprio Dom Adatao foi nomeado o primeiro Arcebispo.

Dom Adatao<sup>3</sup> era paraibano e “filho, neto e bisneto de senhores de engenho, o que deixou marcas profundas na sua personalidade” (Ferreira, 2015, p. 71), tornou-se um dos prelados mais influentes, incorporando bem o sistema de estadualização proposto pela elite eclesiástica, que estava pautado nas “linhas de força que presidiram a montagem do pacto oligárquico” (Miceli, 2009, p. 65). Seguindo esse modelo, segundo Miceli, cada estado brasileiro foi brindado com pelo menos uma diocese, uma estrutura com sistema interno de governo. Dom Adatao, com uma gestão que durou 41 anos, ampliou sua esfera de influência e “extravasou as fronteiras do estado, estendendo-se a todo Norte-Nordeste, tendo logrado indicar seus auxiliares de confiança para Piauí, Sergipe, Pernambuco, Bahia e Amazonas” (Miceli, 2009, p. 65). Entre os apadrinhados de Dom Adatao, está o paraibano Dom João Irineu Joffily, que foi nomeado o terceiro Bispo de Manaus, sagrado em 1915.

### **Dom João Irineu Joffily (1916-1924): o bispo educador**

Dom João Irineu Joffily era filho da Paraíba, nascido em Campina Grande, a 24 de maio de 1878, filho de Irineu e Rachel Joffily (D. Irineu Joffily, 10/06/1915). Sua família “era fruto de um consórcio entre poderosos interesses econômicos associados à linhagem materna e um apreciável capital social e cultural amealhado pelo pai” (Miceli, 2009, p. 71). A trajetória do pai, herdeiro de fortuna proveniente dos ancestrais proprietários de engenho, passa pela advocacia, colaboração com a imprensa e na carreira política, como deputado provincial, com atuação, inclusive, no partido Católico. Por seu ingresso e atuação como liderança católica leiga, seu filho mais velho, que, fora ordenado, rapidamente galgou carreira eclesiástica, chegando ao Episcopado, que segundo Miceli, foi fato ocorrido em homenagem à relevante contribuição de seu pai aos interesses da Igreja.

O jovem João tornou-se sacerdote aos 22 anos, em 1901, e foi sagrado em 1915, aos 36 anos. Coursou o seminário no Colégio Diocesano de Olinda, tendo concluído os estudos na Paraíba. Como padre, assumiu a direção do Colégio Santo Antônio, em Natal, em 1903, fato que marcou sua trajetória no meio educacional. Tornou-se cônego, em 1905, e, em 1908, assumiu a direção do Colégio Pio X, na Paraíba, já como monsenhor, cuja administração levou a instituição ao reconhecimento de um dos primeiros educandários do país. Ganhou, do Papa Pio X, o título de *Antístite Urbano*, em 1914, por sua dedicação à educação (O Novo Bispo..., 29/06/1916).

Como um apadrinhado de Dom Adatao Henriques, monsenhor João foi nomeado Bispo do Piauí, em 1914, mas recusou. Pouco tempo depois, a 10 de junho de 1915,

---

3 Coursou Humanidades no Seminário S. Sulpício, em Paris (1875-1876), fez o Curso Superior de Teologia e o Doutorado em Direito Canônico no Colégio Pio Latino-Americano, em Roma (1877-1882). Ordenado em 1880. Em, 1894 foi sagrado e tomou posse da Diocese da Paraíba (Ferreira, 2015, p. 72).

recebeu nova nomeação, e, dessa vez, a recusa não foi aceita. Foi sagrado Bispo auxiliar de Olinda, e titular de Sufétula, na Tunísia. A 16 de julho de 1916, ocorreu a sua nomeação, pelo Papa Bento XV, para ser o terceiro Bispo da Diocese de Manaus. O Bispado de Manaus encontrava-se em vacância desde 1913, após a renúncia de Dom Frederico, indício de que era grande a expectativa pela chegada do novo Bispo. A tomada de posse ocorreu a 2 de dezembro. O noticiário assim registrou: “o novo prelado amazonense é um dos mais ilustres sacerdotes da presente geração” (O Novo Bispo..., 29/04/1916).

Dom João Irineu Joffily foi preparado em cada etapa de sua formação para incorporar o quadro do Episcopado, todos os indícios apontam para isso, não só pela posição privilegiada que sua família ocupava, como também pela aproximação e acompanhamento de Dom Adauto aos passos dados por aquele que demonstrava, desde cedo, ser um candidato promissor para as estratégias de estadualização do Episcopado brasileiro (Miceli, 2009). Foi moldado um padre intelectual, moral e espiritualmente preparado, desta forma, inteiramente em sintonia com o projeto romanizador, e reconhecer a “autoridade da Santa Sé sobre assuntos espirituais significava validar obediência devida pelos clérigos à Igreja” (Neves, 2015, p. 120).

Um padre com esse perfil estava pronto para trilhar o caminho rumo ao Episcopado. Dom Adauto o tornou cônego e posteriormente monsenhor, e o nomeou para diretor do Colégio Pio X, que era um dos centros estratégicos para a formação de novos quadros católicos (O Bispo..., 06/04/1920)<sup>4</sup>. Com Dom Joffily, Dom Adauto estendia sua influência por todo o Norte, pois dois de seus apadrinhados ocupavam as mitras de Belém e de Manaus.

Nomeado por Pio X (1903-1914), por Decreto Apostólico da Nunciatura Apostólica e Pio X, de 1º de julho de 1913, Dom Santino Maria da Silva Coutinho, outro afilhado de Dom Adauto e Arcebispo de Belém, passava a ser o Administrador Apostólico da Diocese de Manaus, até 1916 (A Reação, 1946, p. 29). Submetido a ele, tomou como governador do Bispado de Manaus o cônego João Dias Bento da Cunha, “ambos gozando de todos os direitos, honras e faculdades de bispo diocesano para governarem até a nomeação de um novo bispo para esta diocese” (Maciel, 2014, p. 203). Em 1914, Bento da Cunha foi substituído pelo monsenhor Antero José de Lima (ACMM – AISS, 21 junho, 1914), qual ficou como governador da Diocese até a chegada do novo Bispo.

Dom Santino, na condição de administrador apostólico, esteve em Manaus, e lá permaneceu durante vários meses, no ano de 1914. Ao despedir-se, ficaram as seguintes determinações: confirmação de monsenhor Antero de Lima como Vigário Geral do Bispado, e, no seu impedimento, seria substituído por monsenhor Luiz Gonzaga de Oliveira; nomeação de comissão para zelar pelas finanças e pelos interesses do patrimônio da Diocese (D. Santino Coutinho, 08/05/1914); todas as procurações foram revogadas, em nome dele e da Santa Sé; o secretário do Bispado se faria presente todos os dias, atendendo, na catedral, os assuntos pertinentes à Cúria Episcopal. A conexão se manteve estreita entre Dom Santino e monsenhor Antero de Lima. As atividades da Diocese foram mantidas em curso, as associações religiosas permaneciam acompanhadas,

---

<sup>4</sup> Tudo indica que Dom Adauto também esteve direta ou indiretamente ligado à primeira nomeação do padre João Irineu Joffily para a direção do Colégio Diocesano de Natal, em 1903.

estando em sintonia com seus padres, e submetidas à apreciação do administrador apostólico, quando fosse necessário. A liturgia era celebrada com regularidade (ACMM – AISS, 24 agosto, 1916).

A Irmandade do Santíssimo Sacramento foi encarregada, por Bento da Cunha, vigário da catedral, de cuidar dos preparativos para a chegada do terceiro Bispo de Manaus. A solenidade deveria expressar alegria, fervor e gratidão, após o longo período de espera pelo novo pastor da Diocese. “Entre os preparativos que a Irmandade deveria providenciar para a recepção estavam: a ornamentação da praça, a escolha do repertório a ser tocado pela banda de música e a distribuição dos convites” (Maciel, 2014, p. 204). O novo Bispo assumia a responsabilidade de dar andamento à organização da Diocese, que tivera seu crescimento freado pelas crises enfrentadas pelo Bispado e pela crise econômica a qual continuou a ser sentida durante todo o seu governo.

Em sua Carta de saudação à Diocese, falou das chagas sociais, lembrando Leão XIII, que em sua análise falou sobre as questões sociais e a responsabilidade das famílias cristãs no mundo, falando do clamor pela paz, expresso nas palavras de Bento XV (Maciel, 2019, p. 21). Dom Joffily manifestou a alegria pela missão que recebeu: “somos hoje vosso Bispo e isso vale dizer que iremos exercer as nobilíssimas funções de Pastor, Pai, Juiz e Doutor nessa circunscrição que constitui a nossa Diocese amada” (ACMM – AISS, 24 agosto, 1916). Finalizou falando da responsabilidade da família cristã na transmissão da fé. O Bispo chegou a Manaus sete meses depois de sua sagração, recebendo suas novas funções das mãos de Dom Santino. Ao tomar posse, confirmou o monsenhor Antero de Lima como vigário geral da Diocese (Maciel, 2014, p. 2014). Em nova carta, já escrita em Manaus, dirigiu gratidão a todos pela acolhida:

As provas de tanta fidalguia prestadas espontaneamente ao vosso humilde bispo obriga-nos o coração a duradoura gratidão e despertam-nos a mais viva confiança na exposição justa e sincera que, no cumprimento de um dever, devemos fazer a todos vós do estado desta diocese cometida à nossa administração (ACMM, PB-03, Joffily, Carta de 06/01/1917, p. 3).

Quando Dom Joffily chegou a Manaus, era o momento da retração da economia gomífera. Segundo Dorinethe Bentes (2014, p. 42) “a partir de 1915 a crise econômica se apresentava de forma mais dramática”, pois empresas mudavam-se ou faliam, a elite abandonava seus casarões, e a população dos arrabaldes crescia, ampliando a cidade. Assim, “enquanto a elite debandava do centro da cidade, as classes menos favorecidas eram atraídas para Manaus à busca de melhores condições de vida, uma vez que os seringais não ofereciam mais condições de sobrevivência” (2014, p. 45).

Nesse cenário de crise, a Diocese encontrava-se em situação financeira fragilizada, com muitas dívidas. O seminário São José havia fechado por falta de recursos. Três anos o separavam do seu antecessor na condução da administração episcopal. Uma das primeiras ações foi verificar as dívidas, procurando resguardar o patrimônio da Diocese e cuidar da renovação “do espírito religioso da Diocese” (A Reação, 1946, p. 31), com muito empenho e uma “oratória persuasiva”. Dom Joffily precisava colocar tudo de volta aos trilhos e dar continuidade à sedimentação do Bispado, refazendo ou aprofundando relações, ajustando ou ampliando ações eclesiais, atendendo aos anseios da população e do Episcopado.

Dom Joffily procurou logo inteirar-se do histórico do Bispado e de sua real situação financeira. Deparou-se com um quadro crítico de desorganização da Diocese, que só não estava pior devido ao esforço do administrador apostólico Dom Santino Coutinho, que conseguiu empréstimo no Rio de Janeiro para a Diocese continuar caminhando (ACMM, PB-03, Joffily, Carta de 06/01/1917, p. 2). Esse ônus herdou Dom Joffily, e ao longo dos seus oito anos de administração, procurou equilibrar as finanças do seu Bispado. O equilíbrio parcial, alcançado ao final de sua administração, foi resultado, em boa medida, de sua bagagem de relações eclesiais e políticas.

Dom Joffily optou pelo esclarecimento, através de carta pastoral, a todos os diocesanos, solicitando o auxílio para à Diocese, pois a causa não era só do Bispo, mas de todos. Expressou seu desejo de salvá-la, afirmando: “temos a ânsia de fazê-la grande, dotá-la de maior clero, enriquecê-la de instituições que lhe possam trazer benefícios de ordem moral e intelectual, mas para isso é condição precípua libertá-la quanto antes da pesada dívida que a oprime e ameaça de nova vacância” (ACMM, PB-03, Joffily, Carta de 06/01/1917, p. 3). A carta pastoral expressa o temor de que a Diocese não conseguisse se manter erguida, por isso, representou um verdadeiro apelo em prol de união por sua proteção.

Os jornais revelavam as expectativas em torno do Bispo, e as impressões deixadas por ele no contato com todos os grupos sociais. Em seu primeiro aniversário passado em Manaus, *A Tribuna Religiosa* demonstrou seu carinho ao falar da humildade de Dom Joffily e de como atraía “um círculo tão intenso de simpatias que o faz um ídolo entre os fiéis” (D. Irineu Joffily, 24/05/1917), como também ocorreu quando atuou em Pernambuco. Em outubro de 1917, ao se ausentar em viagem ao sul do país, foi cercado pelas autoridades locais e por fiéis, e o jornal *A Imprensa* assim registrou:

Grande orador, administrador de pulso firme e decididas resoluções, Dom J. Joffily alia a esses excelentes predicados a mais sugestiva gentileza, que o põe em contato com todas as classes respeitáveis do nosso meio social e o coloca entre os mais notáveis prelados brasileiros. (D. Irineu Joffily, 29/10/1917)

Esses “excelentes predicados”, mencionados por *A Imprensa*, são atributos da elite eclesial, que foi se consolidando durante o período da Primeira República, da qual Dom Joffily é um membro característico. Portador de intelectualidade e habilidades políticas, estava em sintonia com a rede de relações e ações apontadas e desenvolvidas pelo Episcopado brasileiro. As notícias dos jornais indicam que o movimento de aproximação entre o poder eclesial e a elite local se dava em ambos os lados, como na ocasião das viagens do Bispo, pelas saudações que lhe eram oferecidas, dentre elas a do governo, também os muitos registros sobre o Bispo e suas orientações e determinações, realizadas pelo jornal *A Imprensa*, órgão da administração do Estado, como pode-se perceber nas referências utilizadas deste jornal no longo do artigo<sup>5</sup>.

Entre os desafios enfrentados em sua administração, esteve o surto de gripe espanhola, de outubro de 1918 a junho de 1919. Manaus passara por novo crescimento

---

5 O jornal *A Imprensa* foi inaugurado em 1916, como órgão independente, passando em de abril de 1917, a instrumento do Partido Republicano do Amazonas, liderado por Pedro de Alcântara Bacellar, após a união das facções Nery e Pedrosa.

populacional, dessa vez oriundo da crise da borracha, que impelia os trabalhadores dos seringais para a capital, como ocorreu no êxodo de 1914 a 1915 (Santos, 1985, p.25). Dessa forma, os aglomerados iam se localizando nos bairros mais afastados do centro da cidade, como Constantinópolis e Colônia Oliveira Machado, localidades consideradas, no discurso médico, como uma colônia de enfermos miseráveis (Lima apud Costa, 2014, p.137). Segundo Rosineide Gama (2013, p. 34), “em 1918, a população de Manaus se encontrava à beira de um colapso no sistema sanitário”, e, em de março, daquele ano as notícias nos jornais falavam, além do impacto da Guerra Mundial, “de uma epidemia que grassava o mundo” (2013, p. 34).

A 9 de outubro de 1918, já se noticiava mais de três mil infectados no Pará, e no dia 22 do mesmo mês, já registravam-se casos em Manaus, a contaminação chegara no vapor Valparaizo. No dia 29, o conselho sanitário de Manaus discutiu as medidas proibitivas, dentre elas a comemoração do dia dos mortos, cancelamento de jogos e visitas a hospitais. Dessa reunião, saiu uma comissão para dialogar com as autoridades eclesásticas sobre os festejos religiosos daquele período (Gama, 2013, p.40-41). A 17 de novembro, foi criada o Comitê da Salvação Pública, composto pelo governador, a Associação Comercial e pelo Clero, que ficaram responsáveis pela criação de postos de assistência aos enfermos (2013, p.58).

De acordo com a mensagem do governador Pedro Bacellar, em novembro e dezembro, o surto se intensificou, gerando pânico, e a epidemia levou muitos a óbito. Houve dificuldade para transportar os corpos, todo esse período foi um “doloroso momento, doloroso e indescritível” (Bacelar, 1919). O número de mortos chegou a 858. E, quando parecia superada a crise, novos casos apareceram ao longo dos primeiros meses do ano de 1919, no interior e na capital, sendo o Instituto Benjamin Constant um dos últimos lugares a se ter registro da doença, que atingiu 143 alunas e sete irmãs.

Dentro, ainda, desse panorama que envolve a vida sanitária, mas entrelaçada com a vida religiosa, encontramos, em 1919, a visita pastoral a Paricatuba, onde também ficava localizada a casa de detenção. Dom Joffily levou consigo o frei Domingos Anderlini, da paróquia de São Sebastião. Os dois permaneceram na localidade, de 21 a 25 de março. Diariamente, celebraram missas e conduziram a reza do terço, as confissões foram atendidas pelo frei, e alguns presidiários receberam o crisma das mãos do Bispo. Em atendimento ao pedido dos presos, foi determinado que um sacerdote passaria a celebrar missa uma vez por mês no local (D. Irineu Joffily..., 27/03/1919).

No aniversário do Prelado, em 1919, o jornal *A Imprensa* registrou o afeto dos fiéis por seu Bispo, falando de sua bondade, virtude e amor paternal, referindo-se a ele como “um verdadeiro cristão, um bom, um justo, um pai dedicado e um espírito esclarecido” (D. Irineu Joffily, 25/05/1919). Segundo esse registro, muitos foram homenageá-lo, exaltando-o, demonstrando admiração, com preces e com votos de felicidade por parte dos fiéis. Nesse mesmo ano, foi criado, por solicitação do Bispo, o Boletim Paroquial, que ficou sob a administração dos padres, com o objetivo de promover maior participação nas celebrações. A distribuição do Boletim ocorria todo domingo (Ramos, 1952, p.102), de forma gratuita, “servindo também de instrumento de comunicação entre a Diocese e os fiéis” (Maciel, 2014, p.206). Esse projeto teve sucesso, sendo de grande colaboração para a vida cristã nos anos seguintes, segundo o jornal *A Reação*, mas, infelizmente, não o encontrei para maior verificação.

A situação econômica da década de 1920 apresentou-se ainda mais agravada, acentuando a crise no mercado da borracha e a aceleração do êxodo, que movimentava os trabalhadores dos seringais rumo a Manaus. Segundo Eloína Santos (1985, p.26), “essa população, regra geral, era composta de elementos de baixo nível de renda, caboclos empobrecidos e cearenses que vinham para a cidade, à procura de melhores condições de vida”. As feições da cidade se modificavam, com a diminuição das atividades econômicas e a alta de preços de vários produtos, sem contar que eram os anos pós-guerra, e “a queda dos preços da borracha marginalizava a Amazônia, empobrecendo cada vez mais as oligarquias que dominavam a região” (Santos, 1985, p. 31).

Somada à crise econômica, estava a crise política. O Amazonas não ficou fora dos esquemas oligárquicos da Primeira República: as facções se confrontavam e se revezavam no exercício do poder, com intervenção recorrente do governo central. No período de 1920/1924, o governo do Estado ficou a cargo de Rego Monteiro, que venceu como candidato da situação. Ao mesmo tempo em que o governador questionava a indiferença e descaso do poder central com as dívidas do Estado, procedeu a distribuição da família Rego Monteiro na condução dos municípios, o que levou a novas divergências com as facções Nery e Antony. As tensões aumentaram quando Manaus passou a ser um dos focos da ação da rebelião, em 1924, oriunda da ação dos tenentes, que colocou o tenente Ribeiro Júnior como administrador do governo, prometendo, entre outras pautas, acabar com a corrupção presente nas últimas décadas, e, de forma particular, com a fase intensificada pela família Rego Monteiro<sup>6</sup>.

Diante desse cenário, a Igreja de Manaus se mobilizava para atender a sociedade, ao mesmo tempo em que buscava alternativas para sair da sua própria crise financeira e extrair do governo a continuidade de parcerias que ajudassem a fortalecer seus projetos. As viagens para o sul são exemplos da busca de ajuda para o pagamento das dívidas do Bispado, como a realizada em 1920, registrada pelo *Folhas do Norte* (06/04/1920). Em reconhecimento pelos esforços de Dom Joffily, por ocasião de seu aniversário, em 1921, o jornal *A Imprensa* ressaltou sua administração frente à Diocese, como defensor da Igreja (D. Irineu Joffily, 24/05/1921).

Dentre as ações do Prelado, marcou a vida da Diocese sua dedicação como motivador da vida cristã, e como o Bispo educador. Para ele, “a educação, concordando com seus predecessores e com as diretrizes papais, era a base da sociedade e começa na família” (Maciel, 2014, p. 206). Essa preocupação é perceptível nos projetos educacionais desenvolvidos na Diocese. Em 1918, já em sua administração, foi colocado em prática o projeto da Escola Gratuita de Nossa Senhora da Divina Providência, anexa ao Ginásio Santa Dorotéia (Ramos, 1952). Em 1921, foi aberto o internato, e, em 1924, o Ginásio passou também a abrigar um núcleo da Pia União das Filhas de Maria (Ramos, 1952), para o auxílio na catequese.

Apostou na educação como instrumento de organização e crescimento da sociedade, o que já mostrara ser uma de suas características mesmo antes de chegar a

---

6 Para Manaus, dirigiram-se o tenente do exército Joaquim de Magalhães Barata e o tenente da armada José Becker Azamor. Alfredo Augusto Ribeiro Junior, 1º tenente, assumiu o controle após a tomada de poder, de 24 de julho a 28 de agosto de 1924, com as Forças do Destacamento do Norte. *Ibidem*, 1985, p, 61-92.

Manaus. Continuador do projeto de civilização católica, que tem como um dos pilares a educação, abriu as portas de Manaus para os salesianos implantarem o Colégio Dom Bosco, para a educação dos meninos, em 1921, sendo o primeiro passo a implantação do oratório festivo. O colégio passou a atender tanto a elite em formação quanto os mais carentes, através de cursos profissionalizantes, ofertados aos filhos de operários (Ramos, 1952, p.103).

Foi com Dom Joffily que a Diocese ganhou mais uma instituição religiosa, com o perfil que se afinava ainda mais com o espírito da romanização. Foram os salesianos imbuídos da missão de implantar nos corações jovens a mensagem de doação de Dom Bosco para a construção de uma sociedade mais cristã. Assim, com o empenho do Bispo, foi criado o Colégio Dom Bosco, cedendo inclusive sua própria residência episcopal para que abrigasse a escola e a capela. (Maciel, 2014, p.206)

A partir de 1923, o Colégio Dom Bosco passou a funcionar também como internato, ampliando seus serviços e se tornando uma instituição de ensino “de primeira ordem no Estado, talhado para preparar a futura geração amazonense em novos sentimentos, de civismo e patriotismo, pelo cultivo de sua inteligência nos ensinamentos da fé cristã” (Viajantes, 29/09/1924). Durante seu Bispado, os salesianos também passaram a auxiliar as Filhas de Sant’Ana, no atendimento ao Instituto Benjamin Constant, assumindo as capelas de Nossa Senhora Auxiliadora e a militar, além de administrarem a Prelazia do Rio Negro. Sem dúvida, a obra salesiana tornou-se uma das grandes heranças de Dom Joffily para Manaus (Maciel, 2019, p. 21).

Suas Visitas Pastorais também percorreram Janaucá, Lábrea e localidades nos rios Solimões e Madeira (Ceretta, 2014, p. 506). Dom Joffily foi o primeiro bispo a visitar Porto Velho, acompanhando-lhe na visita, mais uma vez, frei Domingos Anderlini (Hugo, 1959, p. 243). Durante sua administração, foram criadas as Prelazias do Alto Acre e Alto Purus, em 1919, confiada aos Servos de Maria. Em 1925, já em período de vacância, mas como resultado das negociações anteriores, foram criadas: a prelazia de Porto Velho, confiada aos salesianos, a Prelazia do Alto Purus, com sede em Lábrea, que ficou com os Agostinianos Recoletos, e a Prelazia do Rio Negro, permanecendo com os salesianos.

Sobre o Alto Juruá e Alto Tarauacá, que pertencia ao Acre, foi realizado um acordo entre a Prelazia de Tefé e a Diocese do Amazonas, em consonância com a Santa Sé e a Nunciatura Apostólica, com resistência por parte do Bispo de Manaus (ACMM, PB-03, Joffily, Carta de 20/11/1921), e tendo a discussão de limites e responsabilidades foi estendida por anos (ACMM, PB-03, Joffily, Carta de 22/10/1922). Monsenhor Miguel Alfredo de Barrat ficou como administrador apostólico de Tefé, responsável pelas duas regiões, mediante as seguintes condições: designar padres para as principais localidades; emolumentos anuais para os vigários da Diocese, conforme a tabela vigente; apresentar mapa anual dos serviços religiosos e recolher livros de batismo, casamentos, entre outros. O acordo foi previsto para ter duração de 50 anos, com o objetivo de equilibrar as demandas financeiras e a continuação das obras nas duas administrações (ACMM, PB-03, Joffily, documento de 09/06/1924).

Os documentos também revelam a presença feminina, que crescia “como parte ativa nas atividades que se multiplicavam na Diocese de Manaus” (Maciel, 2014, p.259).

Como exemplo, destaco a Associação das Mães Cristãs, criada por Dom Joffily, a 25 de março de 1922, na catedral; que era fruto de sua preocupação com o andamento da família cristã, pois, para ele, a educação do lar era a primeira “célula da sociedade e da Pátria” (A Reação, 1946, p.32). A associação passou a ser considerada a menina dos seus olhos, e era orientada, diretamente por ele, como núcleo de todas as mães amazonenses. As Mães Cristãs continuaram bem atuantes na Diocese ao longo dos anos que se seguiram.

Também no ano de 1922, convocou o clero para apresentar o projeto fundação da congregação da Doutrina Cristã, no âmbito diocesano. Para dar andamento, criou-se uma diretoria, tendo o próprio Bispo como presidente, com o objetivo de colocar em prática a “renovação da catequese conforme orientações de Pio X. As paróquias deveriam seguir semelhante organização e conteúdo” (Ceretta, 2014, p.507).

Em 1923, Dom Joffily anunciou sua ausência por três meses, para tratamento de saúde na Santa Casa de Misericórdia, no sul do país. Deixou à frente da Diocese monsenhor Antero José de Lima, monsenhor Luiz Gonzaga de Oliveira e o padre José Thomas de Aquino Menezes, seguindo essa ordem de designação no mando da administração. Despediu-se solicitando oração dos fiéis e das associações religiosas para o pleno êxito de sua viagem (Governo..., 27/03/1923).

Em 1924, Dom Joffily se despedia de Manaus, deixando como marca sua dedicação à educação, o que lhe rendeu o título de bispo educador, seguindo os passos de seus antecessores, e, com a experiência no campo educacional, deixou essa herança para a Diocese, de que a base da sociedade e da família era, sem dúvida, a educação (Maciel, 2014, p. 206), para a qual “não lhe faltava energia, não conhecia desânimo” (A Reação, 1946, p. 31). Também, como marca da intelectualidade, foi o primeiro vice-presidente da Academia Amazonense de Letras, quando esta foi fundada em 1917 (Pinheiro, 1993).

## Conclusão

Em sua despedida, a notícia de jornal lhe prestava homenagem, dizendo que era desprovido de vaidades e de orgulho, e afirmava que sua obediência diante da determinação do Papa o fez aceitar a nova missão de deixar Manaus e assumir o Arcebispado de Belém. A notícia terminava dizendo que “felicitava preclaro antistite, rogando a Deus que cubra de bênçãos sua vida preciosa” (D. Irineu Joffily, 24/05/1924). Dom João Irineu Joffily foi designado como terceiro Arcebispo para conduzir de Belém.

A determinação foi feita no último consistório, realizado, até aquele momento, pelo Papa Pio XI (Bispo do Amazonas, 08/04/1924), que também preconizou Dom Parreira Lara para o novo Bispo de Manaus. Ele chegou a tomar posse, sendo nomeado o frei Basílio Manoel Olímpio Pereira, OFM, para ser o quarto Bispo de Manaus (Maciel, 2014, p. 207), o qual viria a tomar posse a 26 de fevereiro de 1926. Dom Joffily havia conquistado o coração do povo amazonense. No seu aniversário, já iniciando a despedida, assim o jornal *A Imprensa* registrava:

Ao seu influxo tem prosperado a fé católica entre nós e pela sua modéstia, pelo seu jeito carinhoso em propagar a palavra de Deus no seio da nossa sociedade, tem que

voltem ao aprisco milhares de ovelhas desgarradas, convertem-se à Igreja triunfante os que, incrédulos ou hesitantes, não procuravam o caminho da verdadeira luz. Estudioso e ilustrado, orador elegante e de palavra fácil e persuasiva, sua prática, seu discurso tem sido ensinamentos preciosos para a manutenção do nosso nível moral (D. Irineu Joffily, 24/05/1924).

O jornal *A Imprensa* ainda falou da ausência de vaidade e de orgulho do Bispo, dizendo que certamente apenas por obediência estava deixando Manaus; não fora isso, completaria “sua obra de amor e piedade entre nós” (D. Irineu Joffily, 24/05/1924). O próprio Bispo declarou que “é, pois, a santa obediência que vai desatar os vínculos que nos ligam em espiritual consórcio a esta Diocese que estimo com estranho afeto” (Joffily, 28/09/1924), e continua dizendo: “Mas não vos deixo órfãos, presto estará convosco esse aquele que vem em nome do Senhor, dirigir os vossos destinos espirituais e ser o Anjo da Igreja Amazonense. Acolhei-o com alegria cristã; tratai-o com afeto filial” (Joffily, 28/09/1924).

Quando despediu-se, agradeceu a todos os que empenharam-se junto a ele na resolução das pendências financeiras da Diocese, as quais foram reduzidas a menos da metade da dívida que recebeu quando assumiu, e no empenho do andamento das obras da igreja dos Remédios. Pediu a todos que continuassem contribuindo e falou que seu sucessor já havia se comprometido a dar continuidade ao bom andamento das finanças do Bispado (Joffily, 28/09/1924).

Os agradecimentos também foram direcionados para as Filhas de Sant’Ana e para as Doroteias, pelas obras de caridade e de instrução, ao Colégio Dom Bosco, às confrarias e irmandades, às associações religiosas pelo zelo ao culto e pelos serviços de piedade, às catequistas que são “almas de eleição sempre dedicadas a obra do ensino religioso, benção agradecida” (Joffily, 28/09/1924). Agradeceu a todos, não quis deixar ninguém de fora, com desejo de continuar recebendo o carinho amazonense, na sua Arquidiocese.

Deixou o padre Raymundo de Oliveira como pró-vigário geral, com faculdades extraordinárias para a condução da transição (Joffily, 28/09/1924). Sua partida se deu a 30 de setembro de 1924 (Ramos, 1952, p.104). Dom Joffily tomou posse em Belém, em janeiro de 1925, onde estimulou ações religiosas, reforçando a presença da educação católica, com a implantação do Colégio Nossa Senhora de Nazaré, e colocando os salesianos à frente do Colégio do Carmo (Mendes, 2006). Permaneceu no Arcebispado até 1931, quando renunciou, retirando-se para o Rio de Janeiro, ficando como capelão no Mosteiro da Ajuda, por muito tempo. Faleceu a 25 de abril de 1950 no Asilo São Luís (Hugo, 1959). À época de sua morte era Arcebispo titular de Anasartha (Ramos, 1952, p. 122).

Sua elevação a Arcebispo se deu como coroamento, por seu trabalho à frente da Diocese de Manaus, nos variados aspectos, que correspondiam às expectativas depositadas na sua carreira de Prelado. Nos anos de 1920, a Santa Sé anunciava a necessidade do aprofundamento nas ações da romanização, com Pio XI e o projeto “Restaurar tudo em Cristo”, que foi abraçado pelo Episcopado brasileiro. E, segundo Carlos Moura (2018, p.151), “o movimento de recatolização foi fundamental para a manutenção dos diálogos entre Estado e Igreja no Brasil e em Portugal”. Dom Joffily fora, então, agraciado como um dos Prelados que estariam na linha de frente da Igreja no Brasil.

O Papa Pio XI reconhecendo o grande empenho de Dom Joffily para bem conduzir a Diocese de Manaus, consolidando-a, concedeu a ele a autoridade de Arcebispo. Dessa forma Manaus vira seu Bispo partir para assumir a direção do Arcebispado do Pará, em 1924 (Maciel, 2014, p.207).

## Referências

- ALBUQUERQUE, JUNIOR, Durval Muniz. A Invenção do Nordeste e outras artes. São Paulo: Cortez, 2018.
- AZZI, Riolando. A Vida Religiosa no Brasil: enfoques históricos. São Paulo: Paulinas, 1983.
- AZZI, Riolando. A Neocristandade: um projeto restaurador. São Paulo: Paulus, 1994.
- BENTES, Dorinethe dos Santos. Manaus: outras faces da história (1910-1940). Reggo, 2014.
- CABRAL, Adriana Brito Barata. De Lazarento a Leprosário: políticas de combate a lepra em Manaus (1921-1942). Dissertação (mestrado de história), Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Manaus, 2010.
- CERETTA, Celestino. História da Igreja na Amazônia Central. Manaus: Biblos, 2014.
- CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Petrópolis, RJ: 2008.
- COSTA, Francisca Deusa Sena. Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores de Manaus (1890-1915). Manaus: Valer, 2014.
- FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. Igreja e Romanização: a implantação da Diocese da Paraíba (1894/1910). João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.
- GAMA, Rosineide de Melo. Dias Mefistofélicos: a gripe espanhola nos jornais de Manaus (1918-1919). Dissertação (mestrado em história), Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Manaus, 2013.
- HUGO, Vitor. Desbravadores: a história eclesiástica no panorama social, político e geográfico do grande rio Madeira, seus afluentes e formadores na Amazônia. Humaitá: Edição Salesiana de Humaitá, I volume, 1959.
- LIMA, José Francisco de Araújo. Relatório da Assistência Médica Municipal aos habitantes dos bairros de Constantinópolis e Colônia Oliveira Machado. Anexo ao relatório apresentado a Intendência Municipal de Manaus pelo Superintendente Dorval Pires Porto, na Sessão Ordinária de /02/1915. Apud. COSTA, Francisca Deusa Sena da. Quando Viver Ameaça a Ordem Urbana: trabalhadores urbanos em Manaus. 1890-1915. 2014.
- MACIEL, Elisângela. "Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal": a diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926). Manaus: Valer, 2014.

MACIEL, Elisângela. De Diocese a Arquidiocese: os frutos da Romanização em Manaus (1941-1942). In: FERREIRA, Arcângelo da Silva...[et.al]. *Nas Curvas do Tempo: história e historiografia na Amazônia em debate*. Manaus: UEA, 2019.

MENDES, Mayara Silva. *Conflitos Religiosos e relações Políticas no Pará (1930-1941)*. Dissertação, São Paulo, 2006.

MICELI, Sérgio. *A Elite Eclesiástica Brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

MOURA, Carlos André Silva de. *Histórias Cruzadas: Intelectuais no Brasil e em Portugal durante a Restauração Católica (1910-1942)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2018.

MOURA, Carlos André Silva de e CABRAL; Newton Darwin de Andrade. *Reorganização Eclesiástica em Pernambuco: o processo de formação das Dioceses de Garanhuns, Nazaré e Pesqueira (1910-1918)*. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá, v.13, n. 38, 1 de set. 2020.

NEVES, Fernando Arthur de Freitas. *Romualdo, José e Antônio: bispos na Amazônia do oitocentos*. Belém: Editora UFPA, 2015.

SANTOS, Eloína Monteiro dos. *A Rebelião de 1924 em Manaus*. Manaus: SUFRAMA, 1985.

### **Fontes primárias**

AISS - Ata da Irmandade do Santíssimo Sacramento. 21 de agosto de 1916.

AISS - Ata da Irmandade do Santíssimo Sacramento. 21 de junho de 1914.

BACELLAR, Pedro de Alcântara. Mensagem lida na Assembleia Legislativa na abertura da 1ª Sessão Ordinária da Décima Legislatura. 10/07/1919.

BISPO DO AMAZONAS. *Jornal do Commercio*. Manaus, 8 abr. 1924.

D. IRINEU JOFFILY, Bispo Diocesano, faz uma visita pastoral a Paricatuba. *A Imprensa*. Manaus, 27 mar. 1919.

D. IRINEU JOFFILY. *A Imprensa*. Manaus 24 maio 1924.

D. IRINEU JOFFILY. *A Imprensa*. Manaus, 10 jun. 1915

D. IRINEU JOFFILY. *A Imprensa*. Manaus, 24 maio 1921.

D. IRINEU JOFFILY. *A Imprensa*. Manaus, 25 maio 1919.

D. IRINEU JOFFILY. *A Imprensa*. Manaus, 29 out. 1917.

- D. JOÃO IRINEU JOFFILY. A Tribuna Religiosa. Olinda – PE, 24 maio 1917.
- D. SANTINO COUTINHO. O Tempo. 8 maio 1914.
- GOVERNO Diocesano. A Imprensa. Manaus, 27 mar. 1923.
- JOFFILY, Dom João Irineu. A Seus Diocesanos. Manaus, 6 de janeiro de 1917.
- JOFFILY, Dom João Irineu. Ao Revmo. Clero e aos caríssimos diocesanos do Amazonas. Jornal do Comércio. Manaus, 28 set. 1924.
- JOFFILY, Dom João Irineu. Carta de 22 de outubro de 1922.
- JOFFILY, Dom João Irineu. Carta de 30 de novembro de 1921.
- JOFFILY, Dom João Irineu. Carta Pastoral de Saudação aos diocesanos. Paraíba, 1º de novembro de 1916. Apud Suplemento de A Reação. Manaus, mar. 1946.
- JOFFILY, Dom João Irineu. Documento de 9 junho de 1924.
- O BISPO do Amazonas. Folhas do Norte. 6 abr. 1920.
- O NOVO BISPO do Amazonas. O Estado do Pará. 29 abr. 1916.
- PINHEIRO, Pe. Raimundo Nonato. Dom João Irineu Joffily. 8 de novembro de 1993.
- PINHEIRO, Pe. Raimundo Nonato. Dom João Irineu Joffily. 8 de novembro de 1993.
- RAMOS, Dom Alberto Gaudêncio. Cronologia Eclesiástica da Amazônia. Manaus, 1952.
- Suplemento de A Reação. Visão Histórica da Diocese de Manaus nas festas jubilares de 1846. Manaus, março de 1946.
- VIAJANTES. O Libertador. Manaus, 29 set. 1924.

Recebido em: 31/03/2020

Aprovado em: 28/03/2021

Conflito de interesses: Não declarado pela autora.

Este artigo foi avaliado e aceito por dois pareceristas diferentes.

Editor: Antonio Genivaldo C. de Oliveira